

# O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul*

(The “caipira r” in Mato Grosso do Sul - Brazil: study based on data from *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul*)

Vandersí Sant’Ana Castro

Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

vandersi@iel.unicamp.br

**Abstract:** In this study we verify the occurrence of the “caipira r” in the Brazilian state of Mato Grosso do Sul, based on data from *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007). The context considered is the syllabic coda, within or at the end of the word. The results show the predominance of the “caipira r” over other variants of /r/ in this context. It is an evidence of the influence of “caipira dialect” (a dialect in the state of São Paulo) in this area, which is historically explained by the presence of the *paulistas* in the settlement of this region.

**Keywords:** dialectology; dialect geography; linguistic atlas; Mato Grosso do Sul – Brazil; “caipira r”.

**Resumo:** Neste estudo, procuramos verificar a ocorrência e a frequência do “r caipira” no Mato Grosso do Sul, com base em dados do *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007). O contexto examinado é a coda silábica, no interior e no final de palavra. Os resultados mostram uma indiscutível predominância dessa variante entre as realizações róticas atestadas no contexto em questão, sinalizando a influência do dialeto caipira nesse território, historicamente explicada pela atuação dos bandeirantes paulistas no povoamento dessa região.

**Palavras-chave:** dialetologia; geolinguística; atlas linguístico; Mato Grosso do Sul; “r caipira”.

## Introdução

O presente estudo, como o título indica, trata do “r caipira”, tema que implica uma referência obrigatória a Amadeu Amaral. Em 1920, Amaral (1982 [1920]) publica uma descrição do dialeto caipira, variedade do português popular brasileiro que teria sido falada pela grande maioria da população no território da antiga província de São Paulo até por volta do final do século XIX. O autor descreve o dialeto de forma abrangente e detalhada, apresentando e exemplificando suas características fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicais. Uma das variantes mais marcantes do dialeto é o r retroflexo, também denominado “r caipira” desde o trabalho de Amaral. Nos registros de Amaral, a variante é atestada em final de sílaba (ex.: *carta*) e em posição intervocálica (ex.: *arara*). Embora Amaral não seja preciso quanto às áreas em que coletou seus dados, sabemos, através de Duarte (1976, p. 91), que suas investigações se circunscreveram “às zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, onde fez suas observações e de onde se originaram muitos dos seus poucos informantes”.

Muito tempo depois da publicação do trabalho de Amaral, a permanência dessa variante em território paulista tem sido atestada por diversos estudiosos. Rodrigues (1974), por exemplo, constatou a vitalidade do dialeto caipira como um todo na zona rural da região de Piracicaba, no início da década de 1970. No que se refere particularmente ao “r caipira”, a autora registrou, na área investigada, a ocorrência da variante nos dois contextos

apontados por Amaral (final de sílaba e posição intervocálica) e também como membro de encontro consonantal antes da vogal da sílaba (ex.: *grilo*). Na mesma época, Head (1973) documentou a ocorrência da variante em posição pós-vocálica (final de palavra e final de sílaba interna), em Franca, interior de São Paulo. Mais recentemente, realizações retroflexas em final de sílaba interna também foram atestadas na fala espontânea de informantes de São José do Rio Preto-SP, por Leite (2004), que identificou a aproximante retroflexa como a pronúncia típica da cidade. (Embora não tenha feito sua pesquisa *in loco*, Leite coletou seus dados junto a estudantes de São José do Rio Preto, que, na época, faziam graduação na Universidade Estadual de Campinas, em Campinas-SP.) Ampliando a investigação sobre a presença dessa variante no Estado de São Paulo, e considerando especificamente o contexto final de sílaba (interna e externa), exploramos, em trabalhos anteriores, os dados coletados pelo Projeto do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)<sup>1</sup> referentes a 23 cidade paulistas – 10 delas situadas em uma larga faixa ao longo do Rio Tietê (CASTRO, 2009a); seis, no Vale do Paraíba e no litoral (CASTRO, 2010); seis, no norte do Estado (CASTRO, 2011); e também examinamos os dados referentes à capital (CASTRO, 2009b). À exceção da capital São Paulo e da cidade de Santos, em todas as localidades investigadas constatamos a presença marcante do “r caipira”, que ocorre como a variante indiscutivelmente predominante, quando não exclusiva. Nessas localidades, a principal alternativa ao retroflexo, quando ele não ocorre, é o tepe. Na cidade de São Paulo e em Santos, no entanto, o “r caipira” tem presença discreta. Entre os paulistanos, o tepe é a realização predominante, e a fricativa velar tem registro insignificante, figurando como uma variante dissonante. Entre os santistas, também é o tepe a realização rótica predominante, mas a fricativa velar, de ocorrência esporádica na Capital e nas outras localidades investigadas, tem em Santos uma presença mais sistemática, ocupando o segundo lugar entre as variantes róticas, vindo o retroflexo na terceira posição.

Nosso objetivo no presente trabalho é levar a investigação para o território de Mato Grosso do Sul, tarefa facilitada pela publicação do atlas linguístico desse Estado (OLIVEIRA, 2007). Há justificativas para se investigar essa área, uma vez que os bandeirantes tiveram função importante no povoamento do território correspondente ao antigo Estado do Mato Grosso, agora dividido em dois Estados (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Com a Guerra dos Emboabas em território mineiro, os bandeirantes paulistas, perdedores, são pressionados pela situação a procurarem outras áreas, no caso, Mato Grosso e Goiás, onde as descobertas de minérios se renovam. Nessas incursões, utilizam sobretudo o caminho dos rios, no movimento conhecido como monções. Com esse patente vínculo dos primeiros paulistas com o território de Mato Grosso, é compreensível encontrar nessa região traços do dialeto caipira. Daí nosso interesse em verificar a presença do “r caipira” no Mato Grosso do Sul.

## O “r caipira”

Parece-nos oportuno retomar os termos de Amaral (1982 [1920], p. 47-48) na descrição do “r característico” do dialeto caipira, atestado em duas posições, como já foi mencionado: final de sílaba (ex.: *carta*) e entre vogais (ex.: *arara*). A descrição de Amaral é minuciosa:

---

<sup>1</sup> Uma descrição resumida do Projeto ALiB encontra-se em Cardoso (1998).

[...] r inter e post-vocálico (carta, arara), possui um valor peculiar: é línguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta da língua contra a arcada superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao inglês post-vocálico. (AMARAL, 1982 [1920], p. 47-48)

Head (1973) observa que a descrição de Amaral (“a língua... vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal”) permite classificar esse “r” como retroflexo, articulação cujo correlato acústico é rebaixado ou bemolizado. Observa, ainda, que o levantamento do dorso da língua (uma articulação posterior ou velarizada) produz o mesmo efeito acústico – bemolizado. Essa articulação posterior explicaria o termo “guturalizado”, usado por Amaral (1982 [1920]), expressão que seria, então, entendida como uma articulação com o dorso da língua.

Outro aspecto da descrição de Amaral que merece ser destacado é sua afirmação de que “não há quase nenhuma vibração tremulante” na produção do “r caipira” (1982 [1920], p. 47/48). Head (1987) demonstrou a incompatibilidade articulatória da *vibração* com a *retroflexão*, confirmando a característica apontada na descrição de Amaral, e desautorizando a classificação dessa variante como vibrante retroflexa. Head (1987, p. 25) pondera, no entanto, que, dado que é convencional essa classificação entre nossos estudiosos, deve-se aceitar essa terminologia, “tecnicamente contraditória”, tendo em mente que “vibrante”, no caso da retroflexa, corresponde a uma “consoante líquida não lateral”, ou seja, não indica vibração.

## O Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS

Um dos últimos atlas linguísticos regionais brasileiros publicados é o *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007). Embora tenha sido publicado há quase cinco anos, acreditamos que é oportuno apresentar algumas informações sobre esse trabalho, considerando que esse tipo de material, infelizmente, não tem muita circulação entre nós. Evidentemente, essas informações são limitadas e não substituem a consulta ao atlas. Muito ao contrário, pretendem ser um estímulo a essa consulta.

**Rede de pontos** – A rede de pontos do ALMS é constituída por trinta e duas localidades, “distribuídas por cinco setores, cujos municípios principais são Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados”. A escolha das localidades se fez com base em critérios “demográficos, históricos e sociais”, como consta na introdução do atlas (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

**Informantes** – Foram inquiridos 128 informantes, quatro por localidade, distribuídos equitativamente nos dois sexos, e em duas faixas etárias – não há no texto introdutório do atlas uma explicitação dos limites dessas faixas, mas consultando a apresentação dos informantes, pode-se constatar que na primeira faixa os entrevistados variaram de 18 a 36 anos, e, na segunda faixa etária, de 42 a 83 anos.<sup>2</sup> Quanto à escolaridade, os informantes

2 Na descrição dos Procedimentos metodológicos, seção que consta do texto introdutório do atlas, é apresentada a lista dos informantes, por localidade, identificando-se cada um pelo estado civil, profissão, idade, grau de escolaridade e naturalidade, dados antecedidos das iniciais da pessoa. Na ordem de

variam de nenhuma instrução (analfabetos) ao primário completo (4ª série do ensino fundamental) – pudemos constatar que a maioria (52 entrevistados) tem o primário incompleto; 37 informantes concluíram o primário; e 33 são analfabetos.

**Questionário** – Nos inquéritos foi utilizado um questionário de 557 perguntas, subdividido em dois módulos: um Questionário Fonético-Fonológico (QFF), voltado para aspectos fonéticos, e um Questionário Semântico-lexical (QSL), constituído de questões lexicais. O levantamento de aspectos morfossintáticos, também cartografados, foi feito a partir das narrativas dos informantes sobre fatos marcantes em sua experiência de vida.

**Cartas** – O atlas é composto por 231 cartas linguísticas: 57 fonéticas, 167 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.<sup>3</sup> Como nome da carta figura o número da pergunta correspondente: por exemplo, a primeira carta do atlas é nomeada QFF 01.a – FAMÍLIA (logo abaixo se repete o item lexical, destacando-se o segmento cartografado – famí(lia)).<sup>4</sup> As variantes registradas são apresentadas na legenda e associadas a ícones correspondentes. Ao lado de cada uma indica-se a respectiva porcentagem de ocorrência atestada. No mapa, as variantes são representadas pelos respectivos ícones dispostos em cruz, que permitem identificar a realização correspondente a cada informante. (Além da disposição em cruz, os ícones recebem a cor específica da categoria de informante que produziu a variante, o que seria dispensável, pois a disposição em cruz seria suficiente para a identificação do informante. Uma das cores escolhidas é o amarelo, que dificulta muitas vezes a identificação do ícone que representa a variante.) Essa representação permite uma rápida visualização, mas tem o inconveniente de não permitir o registro de mais de uma variante por informante, se for o caso.

A título de exemplificação, reproduzimos, no ANEXO I, uma carta fonética do ALMS. Trata-se da Carta QFF 13.a – CALOR, que registra os dados relativos à pronúncia da última sílaba da palavra.

Após essa visão geral do atlas, podemos descrever o material especificamente selecionado para nossa análise.

---

apresentação, são alistados inicialmente os dois informantes da primeira faixa etária, o homem e em seguida a mulher, e depois os entrevistados da segunda faixa etária, o homem e em seguida a mulher. Em relação à localidade de Camapuã, os dados estão incompletos - só consta um informante, do sexo masculino, havendo um equívoco de digitação que impossibilita a identificação de sua idade. Em relação a Porto Murтинho, faltam dados sobre a escolaridade e a naturalidade da informante da segunda faixa etária; também falta a indicação da escolaridade do informante da segunda faixa etária de Paiaguás e da informante dessa mesma faixa etária de Porto Esperança.

3 Essa contagem não coincide com a que Oliveira (2007, p. 267) apresenta na Conclusão do atlas: pelo critério aqui adotado foram computadas todas as cartas que integram o atlas, inclusive as que correspondem a desdobramentos de uma mesma pergunta, diferentemente do autor, que considerou o número de perguntas que deram origem às cartas e que as nomeiam. Por exemplo: à questão QFF 01 (família) correspondem, efetivamente, duas cartas – QFF 01.a famí(lia) e QFF 01.b (fa)mília –, que focalizam, respectivamente, o último e o primeiro segmento do item lexical (o segmento em foco é colocado entre parênteses). Para Oliveira, conta-se aí uma carta apenas.

4 Para destacar o segmento cartografado, curiosamente adota-se o critério de colocá-lo entre parênteses, recurso geralmente usado com o efeito contrário. O mais esperado seria colocar entre parênteses o segmento desconsiderado na cartografiação, recurso adotado, por exemplo, pelo Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil – ALERS (KOCH *et alii*, 2002).

## O corpus

Das 57 cartas fonéticas do ALMS, 12 são relevantes para se verificar a ocorrência do “r caipira” em final de sílaba, incluindo-se aí os casos de rotacismo, como *purmão* por *pulmão*, e os casos de metátese, como *porcissão* por *procissão*. Os itens em questão são os seguintes:<sup>5</sup> *revólver* (por rotacismo – carta QFF 08.a); *revólver* (carta QFF 08.b); *calor* (carta QFF 13.a); *calção* (por rotacismo – carta QFF 14.a); *fervendo* (QFF 15.b); *gordura* (QFF 17. a); *procissão* (por metátese – carta QFF 23.a); *pulmão* (por rotacismo – carta QFF 36.a); *colher* (QFF 44.a); *garfo* (QFF 45.a); *fósforo* (por metátese – carta QFF 46.a); *porta* (QFF 47.a).

Considerando que são 32 localidades, com quatro informantes cada, e 12 itens lexicais relevantes para o contexto em exame, a expectativa era de analisarmos 1536 dados. Todavia, constatamos 200 casos de ausência de dados, situação indicada nas cartas pelas siglas RP (respostas prejudicadas, em nossa interpretação) ou RNP (questões não formuladas pelo inquiridor).<sup>6</sup> Uma das localidades, Nhecolândia, foi excluída da análise por ausência total de dados. Os casos de ausência de respostas reduziram para 1336 o número de dados examinados. Desses dados, são numerosos os que não apresentam o contexto relevante para a análise. São os casos em que os processos de rotacismo (em *revólver*, *pulmão* e *calção*) ou de metátese (em *procissão* e *fósforo*) não se efetivaram; são ainda os casos em que o rótico se deslocou da posição de coda para o início de uma nova sílaba (ex.: *revólver* = *virri*) ou para antes da vogal da sílaba (ex.: *fervendo* = *fre*). Também se enquadram na mesma situação as ocorrências em que, por hipercorreção, o rótico da coda silábica é realizado como semivogal (foi frequente, por exemplo, a realização *gaw* para *garfo*); ou em que o rótico é vocalizado, como ocorre na linguagem infantil (ex.: *gaj* para *garfo*). O conjunto de casos dessa natureza corresponde a 449 ocorrências, o que significa que se reduzem a 887 os dados efetivamente pertinentes para a análise.

## Resultados da análise

Considerando as localidades em conjunto, mesmo porque os dados não variam muito de uma para outra, constatamos, nesses 887 dados pertinentes, a ocorrência de quatro realizações róticas - retroflexo, tepe, fricativa velar e fricativa glotal – e a realização zero, ou seja, a queda do rótico, nos índices apontados na **Tabela 1**, apresentada abaixo.

5 Destacamos em negrito o segmento em foco.

6 As siglas RP e RNP não são explicadas, mas pode-se deduzir que correspondem, respectivamente, a “resposta prejudicada” e “resposta (sic) não perguntada” – siglas semelhantes são usadas no ALERS, uma possível referência para o ALMS, com significados semelhantes: RP = resposta prejudicada, e NP = não perguntado.

**Tabela 1. Realizações do rótico em coda silábica – Mato Grosso do Sul (cf. dados do ALMS)**

variante fonética	ocorrências	
	número	porcentagem
retroflexo	711	80,15%
zero	138	15,55%
fricativa velar	22	2,48%
tepe	14	1,57%
fricativa glotal	2	0,22%
total	887	99,97% <sup>7</sup>

Como se pode observar, os números apontam o predomínio indiscutível do retroflexo entre as realizações atestadas.

Excluindo os casos de zero e comparando somente as ocorrências de róticos, já que nosso interesse principal é ver a opção dos informantes entre os róticos, obtemos os índices apresentados na **Tabela 2**, apresentada a seguir, em que fica mais clara a distância entre a frequência do “r caipira” e a das outras realizações róticas no desempenho dos informantes.

**Tabela 2. Variantes róticas em coda silábica – Mato Grosso do Sul (cf. dados do ALMS)**

variante fonética	ocorrências	
	número	porcentagem
retroflexo	711	94,92%
fricativa velar	22	2,93%
tepe	14	1,86%
fricativa glotal	2	0,26%
total	749	99,97% <sup>8</sup>

Reforçando o que os números acima indicam, salientamos alguns aspectos dos dados analisados, que também apontam o “r caipira” como a pronúncia característica do Mato Grosso do Sul:

- a) – o “r caipira” foi documentado em todas as localidades investigadas;
- b) – é a única variante atestada em 21 das 31 localidades investigadas,<sup>9</sup> inclusive na Capital, que, em geral, fornece o modelo para o uso linguístico nas demais localidades;
- c) – essas 21 localidades em que só foi atestado o “r caipira” no contexto em questão se distribuem por praticamente todo o Estado;
- d) – nas localidades em que se registram outros róticos (o tepe, a fricativa velar e a fricativa glotal), o retroflexo é sempre a realização predominante, ocorrendo em índices que variam de 68% a 97%, enquanto as outras variantes ocorrem em índices

7 O total não é de 100% porque só consideramos até a ordem das dezenas após a vírgula e não fizemos aproximação da porcentagem.

8 O total não é de 100% porque só consideramos até a ordem das dezenas após a vírgula e não fizemos aproximação da porcentagem.

9 Lembramos que em Nhecolândia houve ausência total de dados, ficando a localidade excluída de nossa análise.

muito inferiores, que vão de 3% a 18% (mais precisamente: a fricativa velar, de 7% a 17%; o tepe, de 3% a 18%; a fricativa glotal, em 10%).

Reconhecido o predomínio do retroflexo, cabe verificar se as outras variantes se registram de forma consistente em alguma área específica do Mato Grosso do Sul ou revelam algum tipo de regularidade em sua ocorrência.

Começando pela fricativa glotal, que só teve duas ocorrências em um total de 749 dados, observamos que foi registrada em uma única localidade, Água Clara, e no desempenho de um único informante. O fato de ser usada por um único informante (homem, 70 anos) leva a pensar que o fator geográfico não estaria envolvido, tendo talvez pesado alguma particularidade da história pessoal do falante, não transparente nos dados registrados na ficha que consta no atlas. Entre quatro dados relevantes, o informante realizou dois retroflexos e duas fricativas glotais – com dados mais numerosos seria mais seguro verificar a consistência do desempenho do falante.

O tepe, que somou 14 registros, foi atestado em 6 pontos (Paiaguás – 5 ocorrências; Nabileque – 3 ocorrências; Rio Negro e Rochedo – 2 ocorrências; Iguatemi e Eldorado – 1 ocorrência). Essas localidades, como se pode ver no mapa do ANEXO II, se situam a noroeste, no centro-norte e no extremo sul do Estado, mostrando alguma concentração geográfica. Todavia, como os registros são pouco numerosos em cada localidade e sobretudo pouco significativos em comparação com a presença predominante e muito mais volumosa do retroflexo, acreditamos que é prematuro fazer qualquer afirmação mais contundente sobre o peso do fator geográfico na questão. Deve-se observar, ainda, que as ocorrências se distribuem entre as quatro categorias de informantes, não revelando um peso maior dos fatores sexo ou idade do falante.

Situação semelhante se observa quanto às ocorrências da fricativa velar. Foram registradas em 7 localidades (Paiaguás, Rochedo, Nabileque e Eldorado – 4 ocorrências; Sete Quedas – 3 ocorrências; Fátima do Sul – 2 ocorrências; Ponta Porá – 1). Essas localidades, como se pode ver no mapa do ANEXO II, também se situam no noroeste, no centro-norte e no sul do Estado, mostrando certa concentração geográfica. Todavia, também no caso desta variante, os registros são pouco numerosos, sobretudo em relação à presença muito mais significativa do retroflexo, predominante, o que sugere cautela na identificação do fator geográfico como influente. Deve-se observar, ainda, que os dados não apontaram influência dos fatores idade e sexo do falante, já que as ocorrências se distribuíram nas 4 categorias de informantes. Um fato a destacar é que a variante fricativa velar foi registrada unicamente na realização do item *fervendo*.

Duas observações, todavia, podem ser feitas com relação à distribuição diatópica do tepe e da fricativa velar: a) as áreas no noroeste, no centro-norte e no sul do Estado, em que se concentra a ocorrência dessas variantes, poderiam ser vistas como áreas de certa instabilidade na realização do rótico no contexto em questão, apresentando, inclusive, em várias localidades, três variantes diferentes; e b) muitas das localidades em questão se situam em região próxima à fronteira com países vizinhos, o que propicia a situação de contato linguístico, que pode ter alguma atuação na alternância observada.

## Considerações finais

Chegamos, assim, às considerações finais deste estudo. Os dados do ALMS analisados mostraram, de forma consistente, que o “r caipira” tem presença marcante no Mato Grosso do Sul. Foi atestado em todas as localidades investigadas, como variante exclusiva ou nitidamente predominante. É um sinal evidente da influência do dialeto caipira na região, historicamente explicada pela atuação dos bandeirantes paulistas no povoamento desse território.

Em algumas localidades, foi constatada a alternância do retroflexo com a fricativa velar, o tepe e a fricativa glotal. A presença dessas três últimas variantes, no entanto, não se mostrou consistente a ponto de permitir identificá-las como a pronúncia típica de alguma área específica. A ocorrência dessas variantes permanece, todavia, como uma questão a ser estudada mais profundamente. O exame de dados mais numerosos e a consideração de aspectos históricos relativos ao povoamento das localidades em questão poderiam ser caminhos adotados na investigação do tema.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1982. (ed. fac.simil. da 2. ed. 1955).

CARDOSO, S. A. M. O Atlas linguístico do Brasil – um projeto nacional. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 165-176.

CASTRO, V. S. *O “r caipira” em localidades do norte do Estado de São Paulo – estudo com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*. Apresentação de trabalho. GEL, jul. 2011.

\_\_\_\_\_. *O “r caipira” em localidades paulistas do Vale do Paraíba e do litoral – estudo com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*. Apresentação de trabalho. GEL, jul. 2010.

\_\_\_\_\_. *O “r caipira” no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*. Apresentação de trabalho. GEL, jul. 2009a.

\_\_\_\_\_. *O “r caipira” em São Paulo: estudo com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*. Apresentação de trabalho. Uberlândia: SILEL, nov. 2009b.

DUARTE, P. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do *r caipira*. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

\_\_\_\_\_. O estudo do ‘r caipira’ no contexto social. *Revista de cultura Vozes*, [s.l.], n. 67, v. 8, p. 43-49, 1973.

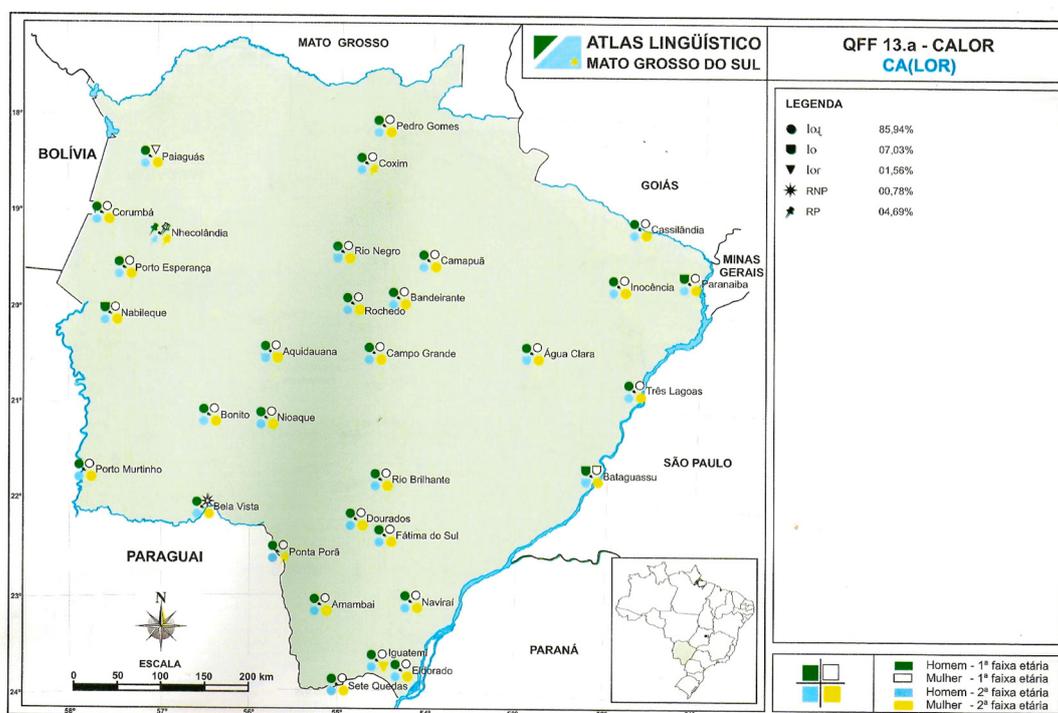
KOCH, W., KLASSMANN, M. S. e ALTENHOFEN, C. V. (Org.). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002. v. 2 [Cartas fonéticas e morfossintáticas].

LEITE, C. M. B. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2004.

OLIVEIRA, D. P. (Org.). *ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

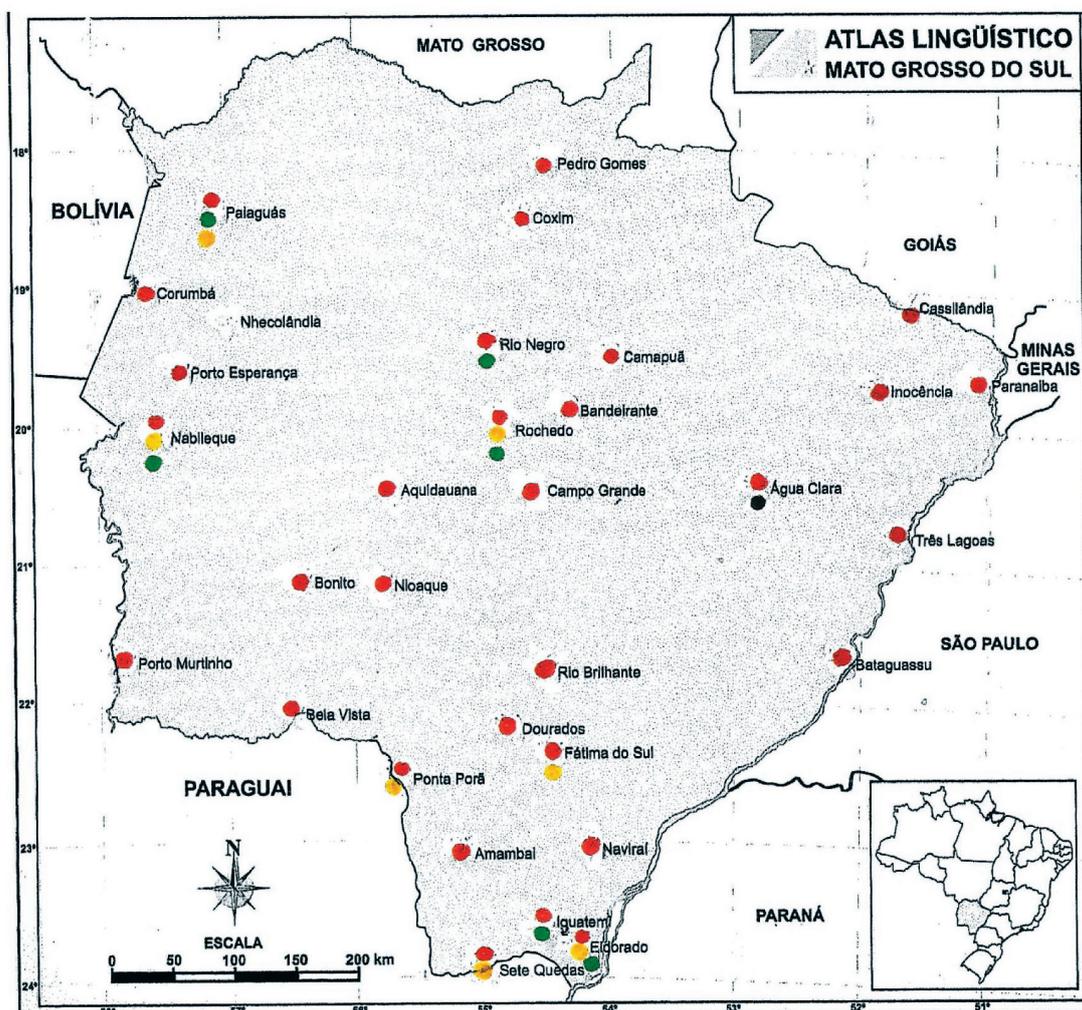
RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

## ANEXO I



## ANEXO II

Róticos em coda silábica – Mato Grosso do Sul (cf. dados do ALMS)



- Legenda: ● retroflexo  
● fricativa velar  
● tepe  
● fricativa glotal